

## A LINGERIE NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO CORPO FEMININO ATRAVÉS DA HISTÓRIA

*Lingerie in female body image construction through history*

Greggianin, Mônica; Ms; Faculdades Integradas de Taquara,  
monicagreggianin@gmail.com<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo desta pesquisa é analisar as modificações ocorridas na modelagem e design das peças de lingerie longo da história, sob a ótica da significação das peças para a construção da imagem do corpo feminino através do modelo Feminino de Baudrillard (1976) e das reflexões sobre sexo de Foucault (1984). A lingerie se faz fundamental na construção da imagem feminina, pois acompanhou as transições e manifestou no imaginário social os padrões impostos às mulheres.

**Palavras chave.** Lingerie, significação, corpo feminino.

**Abstract:** The objective of this research is to analyze the changes that have occurred in modeling and design of underwear pieces through history from the perspective of the significance of the lingerie for the construction of the female body image through the Female Model of Baudrillard (1976) and the reflections about sex of Foucault (1984). The lingerie becomes fundamental in the construction of the female image because accompanied transitions and expressed in the social imaginary standards imposed on women.

**Key words.** Lingerie, significance, female body.

### O Modelo Feminino na construção da imagem da mulher

Para se compreender o corpo, a vestimenta e os hábitos femininos ao longo dos tempos não faltariam fontes de inúmeras naturezas. De documentos médicos a jurídicos, constroem-se informações sobre como as mulheres foram (ou não) consideradas pela sociedade. Deve-se perceber, porém, que a partir desses documentos teríamos uma visão masculina sobre as vivências femininas. Naomi Wolf (2005) chama de “cultura de massa feminina” essa perspectiva masculina sobre o conjunto de práticas vividas pelas mulheres relacionadas com o “ser mulher” e entendidas como supérfluas e secundárias.

Além da visão supérflua das práticas ditas femininas, Baudrillard (1976) discorre sobre como essas atividades, muitas vezes, servem de gratificação própria somente para melhorar-se como objeto de competição na concorrência

---

<sup>1</sup> Mestre em Design Estratégico pela Unisinos, pós graduada em Marketing e Design de Moda pela ESPM e em História da Arte Moderna e Contemporânea pela EMBAP/PR. Formada em Design de Produto pela UFRGS. Professora do curso de Design da Faccat – Faculdades Integradas de Taquara.

masculina. Agradando-se para melhor agradar o homem, ‘sob a cor de autogratição, a mulher (o Modelo Feminino) é relegada por procuração no cumprimento “de serviço”. A sua determinação não é autônoma.’ (BAUDRILLARD, 1976, p.98). Esse Modelo Feminino citado por Baudrillard (1976) trata o prazer da mulher como uma necessidade sendo indispensável a complacência e a solicitude narcisista. A convergência para um modelo é gerada quando as diferenças deixam de opor indivíduos e hierarquizam-se produzindo e reproduzindo esses modelos que renunciam toda diferença real e singularidades. A mulher, portanto, se diferencia ao adotar determinado Modelo Feminino, servindo de ‘boneca consigo própria.’ (BAUDRILLARD, 1976, p.98).

O Modelo Feminino é divulgado pela mídia tanto na televisão, em novelas, “programas femininos” de beleza e moda, como em revistas também ditas femininas com dicas de beleza, saúde e moda. Os produtos destinados ao público feminino também acompanham e influenciam nesse Modelo Feminino. Vemos isso claramente na evolução da moda, por exemplo. (BOUCHER, 2010).

Essa divulgação em todas as estâncias, inclusive nos produtos, mostra como o Modelo Feminino adquire caráter de senso comum na sociedade contemporânea. O senso comum, segundo Geertz (1997) é um fenômeno presumido, formado pela experiência cotidiana por se basear na vida como um todo. O Modelo Feminino de Baudrillard (1976) da mulher contemporânea é senso comum na sociedade.

Este Modelo Feminino de mulher contemporânea foi construído na história a partir de diferentes conceitos de acordo com a sociedade e costumes de seu tempo. Como exemplo tem-se o modelo feminino Jugendstil (Art Nouveau) de uma mulher sensual que é eroticamente emancipada “que recusa o busto realçado e ama a cosmética” (ECO, 2004 p.369). Dessa mulher Jugendstil de beleza suave, voluptuosa e pré-rafaelista, como define o autor, evolui-se para uma beleza mais funcional que estética, alinhada com a produção em massa, o que traz, no conceito de beleza, a junção de arte e indústria. Passa-se a exaltar uma mulher ágil e esbelta como o período Déco. Em contrapartida dessa funcionalidade e agilidade da mulher Déco, o Modelo

Feminino foi também pensado para uma mulher fascista definido pelo Gabinete de Imprensa da Presidência do Conselho em 1931 como uma mulher que deveria ser sã para que pudesse ser mãe de filhos também sãos. Inclusive era obrigado que se eliminasse da imprensa os desenhos de figuras femininas emagrecidas e masculinizadas que representariam a esterilidade da decadente civilização ocidental (ECO, 2004).

Essas diferenças nos aspectos de beleza e estilo das mulheres, sutis ou não, não incluíam uma verdadeira mudança de padrões. O sexo feminino continuava como papel secundário na sociedade, sempre com menos direitos e espaço que os homens. Para Eco (2004), a Beleza (inclusive a beleza feminina) passava por uma contestação entre a Beleza da provocação (ou beleza de vanguarda) e a Beleza de consumo. A primeira, demonstrada principalmente na arte, indo contra o prazer da apreciação de formas harmônicas e instigando olhar o mundo de diferentes maneiras, e o segundo, mais utilizado pela *mass media*, que seguiam os ideais de beleza de um consumo comercial. Ainda segundo o autor, essa contradição é típica do século XX.

A partir da década de 60 quando a história social e cultural, inclusive das mulheres, sofreu grandes modificações, alguns desses padrões também foram modificados. A década de 60 foi palco de importantes e transformadores acontecimentos como a Primavera de Praga, o Maio de 68, o Festival de Woodstock, movimentos pacifistas e feministas. O corpo virou suporte de rebeldia com cabelos compridos, uso exacerbado de drogas, minissaia. O objetivo era contrariar os padrões vigentes e conservadores. Não só nas ações e ideais, mas no corpo, na aparência e na vestimenta. A própria imagem era usada como veículo de contestação (BOUCHER, 2010). Essas ações e movimentos levaram à liberação de costumes, inclusive sexual. O que gerou novos padrões de comportamento tanto para homens quanto para mulheres. A invenção da pílula anticoncepcional e o interesse surgido pela sexualidade humana influenciaram em muito a visão sobre a identidade feminina (GELLACIC, 2012). A sexualidade feminina passou a ser vista de maneira mais natural contra a visão conflituosa que a sociedade impunha ao assunto não só da sexualidade, mas do papel social da mulher na contemporaneidade.

É a partir dessa época que, incentivado sobre o discurso sobre a sexualidade, e calcado também no discurso do culto ao corpo da mulher e do consumo capitalista, surge um novo conceito do sexo como símbolo de modernidade e saúde. Segundo Gellacic (2012), a união desses conceitos fez com que o corpo da mulher ficasse cada vez mais em evidência. A consequência desses movimentos de liberação sexual e da criação dessa identidade feminina como ser sexualizado permitiu à mulher a possibilidade de demonstrar seu desejo de maneira mais aberta.

A liberação sexual trouxe à mulher uma nova identidade e o interesse de autores sobre como fica tal identidade após essa época de transformações e liberações. Para Baudrillard (1990),

na época da liberação sexual, a palavra de ordem foi “o máximo de sexualidade com o mínimo de reprodução”. Hoje, o sonho de uma sociedade clônica seria o inverso: o máximo de reprodução com o mínimo possível de sexo. Outrora o corpo foi a metáfora da alma; depois foi a metáfora do sexo; hoje já não é mais metáfora de coisa nenhuma. (BAUDRILLARD, 1990 p.13)

Para o autor, após essa época - que denomina de orgia, - o corpo se torna algo maquínico de processos e, sem organização simbólica, é apenas elemento de programações infinitas. Esse aspecto acaba por aproximar homem e mulher em uma certa confusão dos gêneros. Perde-se a diferença sexual e a sexualidade culminando no transexual. A transexualidade é o destino artificial do corpo sexualizado,

Transexual não no sentido anatômico, mas no sentido mais geral do travestido, de jogo de comutação dos signos do sexo, e, por oposição ao jogo anterior da diferença sexual, de jogo da indiferença sexual, indiferenciação dos polos sexuais e indiferença ao sexo como gozo. (BAUDRILLARD, 1990 p.27)

A confusão de gêneros que causa a indagação sobre ser homem ou ser mulher, uma espécie de igualdade dos sexos, é consequência da revolução sexual que liberou a virtualidade do desejo. Passado o período de liberações, – a orgia – homens e mulheres ficam à procura de suas identidades, porém com cada vez menos respostas, visto que os signos e os prazeres se multiplicaram. (BAUDRILLARD, 1990).

Os signos que se multiplicaram, segundo Baudrillard (1990), podem também ser analisados como os produtos de consumo que, juntamente com os padrões e costumes, constituíram o senso comum a cada época. São claras, por exemplo, na evolução do vestuário feminino, as transições ocorridas ao

longo desses períodos de liberação. O comprimento das saias, o tamanho dos decotes, a quantidade de camadas de tecido e de pele coberta ou à mostra, ajuda a relatar essas transformações de Modelo Feminino formados por costumes e padrões do senso comum. A lingerie, como parte do vestuário feminino, e pela relação de intimidade que se confere ao produto, é um objeto de estudo importante pra se relatar a imagem da sexualidade feminina por ser um produto que carrega os padrões impostos às mulheres pela sociedade. (GELLACIC, 2012).

### **A evolução da lingerie na história da moda e as mudanças na silhueta feminina**

Por ser uma última barreira de vestimenta antes da nudez, a lingerie faz parte da construção da identidade sexual feminina ganhando um aspecto simbólico de sensualidade muitas vezes comparado à própria nudez. Porém, a lingerie sempre teve aspectos funcionais e formais bem específicos de acordo com os costumes de cada época.

As primeiras peças ditas lingerie datam de até cinco mil anos atrás, mas foi a partir do século XIV que passou a ser parte importante do vestuário feminino como modelador de silhueta. Nessa época, peças chamadas de Farthingales eram utilizadas para aumentar o volume das saias simbolizando a importância da fertilidade da mulher. A circunferência dos quadris estava relacionada à capacidade da mulher de gerar filhos. No século XIV o decote também surgiu com função de destacar e levantar os seios. O decote, a cintura afinada e o quadril exageradamente grande era a imagem da mulher ideal na Idade Média (SCOTT, 2013). No século XV, os Farthingales ganharam auxílio dos espartilhos para a modelagem do corpo. De tecido grosso e barbatanas de madeira os espartilhos se tornaram comum para apertar ainda mais as cinturas além de representar nobreza, pois era impossível vestir os espartilhos sem o auxílio de uma criada. A rainha Carolina de Médici, por exemplo, ditava moda com cinturas reduzidas ao extremo por espartilhos feitos de ferro. Carolina de Médici, inclusive, proibiu cinturas volumosas na corte. Para o século XIX,

A Revolução Francesa de 1789 sinalizou uma grande mudança política e social. Saias amplas, corpetes exagerados, anáguas e paniers complexos foram jogados fora com o antigo regime, e estilos

românticos mais simples com cinturas largas foram adotados, exigindo o mínimo de roupas íntimas. Porém, em meados da década de 1820, o tamanho da cintura diminuiu novamente, e o espartilho, que depois passou a se chamar corset, entrou de novo na moda, dessa vez criando uma forma mais parecida com a “ampulheta”. O século XIX presenciou uma série de avanços tecnológicos no desenho dos corpetes, incluindo uma renda elástica, bem como elaborações complicadas, como as crinolinas e anquinhas, desenvolvidas para dar suporte às elegantes saias da época. (SCOTT, 2013 p.53)

Após a revolução francesa os espartilhos caíram em desuso e togas retas de linho, musselina e algodão eram usadas por baixo dos vestidos também mais simplificados. Já se tinha a ideia de nu que a lingerie passava e as roupas de baixo passaram a ser de cor *nude* para se equivaler a cor do corpo. Essa moda das roupas de baixo pouco estruturadas durou pouco e logo os espartilhos de barbatana de baleia voltaram e as lingers chegaram a pesar cinco quilos. Apesar dessa era vitoriana ser sinônimo de repressão sexual, também foi precursora de algumas inovações importantes para a lingerie. A máquina de costura, por exemplo, facilitou a produção das peças, aumentando a variedade de modelos, baixando os custos e, por consequência, popularizando a lingerie (SCOTT, 2013).

Seguindo a evolução dos costumes, os espartilhos se modificaram para se tornarem mais saudáveis e confortáveis para o uso das bicicletas. Nesse período – século XIX – passou-se a apoiar que a mulher, além das atividades domésticas, tivesse liberdade de movimento, modificando a moda e, portanto, as lingers. A forma ideal para o corpo da mulher no século XIX era a silhueta em S, com os quadris empurrados para trás e o busto para cima (BOUCHER, 2010).

Foi em 1893 que foi criada a peça que mais se assemelha com o sutiã dos dias atuais. Um suporte para os seios, cavado e com as alças cruzadas nas costas presas com colchetes. O primeiro sutiã deixava os seios rebaixados, como era moda na época (SCOTT, 2013). O sutiã se tornou mais popular a partir da Primeira Guerra Mundial quando foi pedido às mulheres que jogassem seus espartilhos fora para que o aço que os constituía fosse usado para a construção de equipamentos bélicos (BOUCHER, 2010). Neste período o modelo de corpo ideal era o de seios pequenos, achatados, com uma

silhueta que muitas vezes era considerada masculinizada ou infantilizada. Esse ar de imaturidade feminina fazia com que as mulheres parecessem jovens sexualizadas o que gerou críticas na época. Por volta da década de 1930, com o desenvolvimento do lastex, foram criadas as cintas que modelavam o corpo mas permitiam que a mulher respirasse, mesmo com o desconforto causado pelo suor excessivo que a borracha causava (SCOTT, 2013).

Durante o período de Segunda Guerra Mundial o papel da mulher também se alterou e a lingerie também esteve presente. As pin ups representavam, muitas vezes, mulheres em lingerie aparente mas com roupas de trabalho. Com os homens na guerra, as mulheres assumiram trabalhos nas indústrias. Em algumas indústrias era obrigatório pelo código de bom gosto que as jovens usassem sutiã e cintas. O sutiã ainda evoluiu para um formato cônico que virou moda avantajando os seios por baixo dos *sweaters* e a lingerie ganhou ainda mais visibilidade e popularidade com o lançamento da revista *Playboy* em 1953 (SCOTT, 2013).

A década de 1960 trouxe, com as mudanças sociais e culturais já citadas, transformações importantes também na lingerie. Nesse período, ocorreu uma volta dos modelos corporais da década de 1920, baseado no corpo infantilizado, com seios achatados. Esse Modelo Feminino tinha a modelo Twiggy como maior ícone. Como período de liberação sexual, a lingerie se modificou,

Embora a década de 1960 esteja comumente associada aos ataques à lingerie pelas feministas, aos vestidos tubinhos simples que eram retangulares e disformes (para mostrar que não era necessário usar roupa que moldasse o corpo), e ao amor livre (sem roupa de baixo), nem todas as mulheres estavam preparadas para realizar as suas funções sem a ajuda de alguma roupa por baixo. Desde que o amor livre, em particular, rendeu-se aos modelos militares do sutiã cônico, muitas mulheres buscaram um sutiã que criasse um aspecto mais natural. Elas ainda usavam as combinações e anáguas em comprimentos cada vez mais curtos para acomodar os aumentos das bainhas. (SCOTT, 2013 p.108)

Junto com essa liberação sexual, para Gellacic (2012), três fatores influenciaram a mudança de atitude com relação a diversas questões, desde a sexualidade das mulheres até a sua lingerie: pesquisas sobre sexualidade humana, realizada por Masters e Johnson; a luta de artistas e pornógrafos pela liberdade de expressão e os trabalhos do psicanalista Wilhelm Reich, que acreditava e difundia a ideia de que o segredo para se obter saúde e felicidade

era uma vida sexual saudável. Esse conjunto de acontecimentos favoreceu a um princípio de aceitação do prazer feminino. Inclusive as propagandas de lingerie aproveitaram a aceitação da sexualidade da mulher. Portanto, segundo Gellacic (2012), as roupas íntimas passaram a ser as grandes representantes dessa consequência da liberação sexual de utilizar o sexo para vender produtos.

### **A sexualidade, o corpo feminino e a lingerie**

Por sua relação íntima com o corpo feminino, sendo muitas vezes relacionada ao corpo nu, além de acompanhar o imaginário social, a lingerie relaciona-se com as questões de sexualidade (FOUCAULT, 1984), da repressão - imposta de diferentes maneiras ao longo da história e exemplificada pelas roupas íntimas que impediam o contato corporal na Idade Média -, à liberação, que pode ser analisada pelas modificações de padrões e modelagens da roupa íntima a partir da década de 50. (BOUCHER, 2010).

Para Foucault (1984), a sexualidade pode ser reconhecida como a reflexão sobre o uso dos prazeres e o cuidado com uma tripla estratégia: a necessidade, o momento e o status. Portanto, a arte de usar o prazer deve-se modular em “consideração àquele que a usa segundo seu status” (FOUCAULT, 1984, p.74).

Ainda para o autor, a sexualidade está relacionada ao poder e as regras da conduta sexual variam segundo a idade, o sexo, a condição do indivíduo, e que obrigações e interdições não são importadas a todos na mesma maneira, transformando a conduta moral, em relação à sexualidade, em uma batalha de poder. Esse jogo de poderes pode, definitivamente, ser relacionado às questões do modelo feminino de Baudrillard (1976) quando o mesmo coloca a mulher como subjugada às decisões e desejos do homem. Na batalha de poder da sexualidade, a mulher e, com a análise do que é construída pelos autores, a mais fraca. Nesse sentido, também concorda Touraine (2007) quando argumenta que, no campo da sexualidade e da reprodução existe a supremacia do gênero masculino que se caracterizava pelo controle da reprodução.

Touraine (2007) também discorre sobre a importância da sexualidade na construção da identidade colocando que “a construção de si opera antes de

tudo pela sexualidade e mais amplamente pelo corpo. A construção pessoal do indivíduo centra-se na atividade sexual, a mais dissociável possível. Daí a importância do corpo como espaço de relação a si e de construção de si.” (TOURAINÉ, 2007, p.57).

Esta abordagem de temas como o corpo, o prazer e o desejo pode ser investigada em vários momentos da obra de Foucault enfatizando as relações entre sexualidade e poder. Algo que o autor coloca em relação ao corpo, e que pode ser relacionado ao uso da lingerie pelas mulheres e das mudanças que esta provoca às silhuetas ao longo da história, é que o corpo não é fixo. O corpo pode ser aperfeiçoado e modificado. Para Foucault (1984), a história do corpo não se relaciona apenas com o corpo em si, mas com tudo o que está ligado a ele, como a alimentação, o clima ou os valores. Nesse sentido, pode-se relacionar ao corpo as mudanças de silhueta proporcionadas pela lingerie ao longo dos séculos e como isso repercute na história do corpo e da identidade feminina, sempre relacionada a uma disputa de moderes onde supera o modelo feminino imposto pelo gênero masculino.

Para Foucault (1984), a sexualidade também serviu como um dispositivo histórico a partir do século XVIII composto por uma rede práticas, discursos e técnicas de estimulação dos corpos. Esse dispositivo teria se estabelecido como um meio de afirmação da burguesia, então crescente nesse século em relação à nobreza. Se a nobreza utiliza-se do sangue para se diferenciar, a burguesia denota sua diferença a partir de práticas que atribuem um corpo específico em relação à saúde, higiene e silhueta. Segundo Foucault, ‘uma das formas primordiais da consciência de classe é a afirmação do corpo’. (FOUCAULT, 1984, p.100).

Algumas modificações em relação à disputa de poder relacionada à sexualidade começam a ser notadas no século XIX, segundo Maria Alice Ximenes (2011). Para a autora, uma das influências na moda do século XIX foram os contos de fada, denotando as mulheres uma imagem romântica, delicada e melancólica. Em contrapartida, surge a figura da *lionne* que simbolizava as mulheres que iam contra as maneiras impostas. Era uma mulher que se vestia com primor, porém cavalgava, bebia e fumava. Além disso, a autora aponta questões do crescimento da indústria da roupa feminina

funcional, principalmente com o advento da máquina de costura em 1851, em contraste com o novo mercado da alta costura, também como um dos responsáveis por proporcionarem às mulheres roupas mais confortáveis, o que estava diretamente ligado com o aumento da liberdade não somente de movimentos mais de todo corpo em si.

Para as autora, as mudanças dos séculos XIX são responsáveis por um novo caminho para a mulher em relação à seu corpo e sexualidade. Um caminho libertador é indicado que agregaria a roupa e a lingerie a um objeto revelador em contrapartida a um caminho machista que tem a mulher como um objeto vestido (XIMENES, 2011). Porém, é possível unir os dois caminhos citados em apenas um trajeto. Trajeto riscado pelo olhar masculino como o escultor das formas. Tanto ao cobrir quanto ao desnudar é visível o papel do homem como o escultor das formas segundo o Modelo Feminino de Baudrillard e a relação de poder de Foucault. Não se pode considerar que a roupa, incluindo a lingerie, que a mulher vestia no século XIX lhe proporcionava condições participativas para se comunicar com a sociedade. Nesse sentido, é difícil perceber que alguns traços da vestimenta feminina do século XIX tenham servido como uma maneira da mulher se comunicar e colocar seus íntimos segredos de forma visível. As roupas e as silhuetas comuns à época, mais do que exercerem um papel de comunicadores das mulheres, serviam para o deleite masculino revelando, modelando e ocultando o que o olhar do homem considerava atraente e agradável.

É no século XX que são percebidas as maiores mudanças em relação às liberdades das mulheres em relação ao corpo e à sexualidade. Para Mary Del Priore (2014), no século XX é que ocorre a invenção do corpo, porém um corpo novo e exibido, íntimo e sexuado que acaba por afrouxar as disciplinas rígidas em benefício da liberdade e do prazer. O corpo feminino passa ser visto, também pelas próprias mulheres, como um instrumento de prazer, sexuado e ativo e não mais apenas um conjunto passivo a serviço masculino. Para Del Priore (2014),

Com o afrouxamento dos controles, o corpo feminino apto para o prazer descobriu-se. As mulheres começaram a se despir para prática de esportes, para danças, para atuar nos palcos ou para vender-se. Um dos aliados foi a lingerie. O campo do erotismo ganhou muito com o desenvolvimento da indústria têxtil no início do

século XX (...) A descoberta da borracha permitiu a confecção de uma espécie de cinta, mais fácil de enfiar que o espartilho. Da cinta para o sutiã (...) foi um passo. Mais magras, porque assim ditava a moda, as mulheres recorriam as faixas apertadas para disfarçar os seios. Com a diminuição das saias, anáguas e calças foram substituídas. E as meias, antes em fio grosso, foram suplantadas por meias de seda que ao mesmo tempo velavam e revelavam a nudez das pernas. (DEL PRIORE, 2011, p.106-107).

Segundo Del Priore (2014), a lingerie foi o advento que permitiu ao corpo a passagem para um objeto estético, fonte de desejo e contemplação, não somente santuário de pudores e comedimento. Essa visão é aparentemente mais fácil no século XX devido as mudanças sociais, econômicas e culturais ocorridas ao longo do século como o advento do movimento feminista iniciado na década de 1960.

### **Considerações Finais**

As mudanças da silhueta do corpo feminino ao longo da história proporcionadas, principalmente, pela evolução da história da lingerie demonstram o caminho longo percorrido pela imagem do corpo feminino em relação à sua sexualidade e em busca de uma liberdade. O Modelo Feminino de Baudrillard (1976) indica que a padronização e a criação de modelos auxiliam na geração da identidade feminina e sua “diferenciação” calcada nos costumes da sociedade de cada época. Essa padronização é moldada a partir de um padrão dito aceitável, criado dentro de uma lógica vigente, que influencia o consumo, os hábitos, os costumes e os padrões femininos.

Esses conceitos de Modelo Feminino (BAUDRILLARD, 1976) e da influência da sexualidade nos costumes e padrões de cada época (FOUCAULT, 1984), servem como mote principal para a compreensão da influência da lingerie na construção da imagem do corpo feminino, juntamente com a análise das mudanças do design de lingerie ao longo da história da moda e as modelagens de diferentes silhuetas. Mesmo com mudanças a favor da libertação do corpo feminino iniciadas de maneira mais visível no século XIX, é perceptível, ainda no século XX e nos dias atuais, a influência de certos Modelos impostos dentro de uma sociedade patriarcal que encaixa a mulher ainda em uma posição subjulgada ao poder masculino em relação à sexualidade.

Para Baudrillard (1976), a liberação sexual das gerações anteriores culminou no triunfo do transexual com a indiferenciação dos polos sexuais. Essa liberação, longe de ser a invasão de um valor erótico maximizado do corpo que privilegiasse o feminino, a mulher, apenas gerou uma confusão de gêneros. Ainda para o autor, a revolução sexual não passou de uma etapa para a transexualidade, mas não para a liberação feminina. Esta libertação apenas consegue ser vista com mais luminosidade a partir da metade do século XX.

Partindo do pressuposto de que a vestimenta apresenta, através de suas transformações, formas resultantes das influências da arte, cultura, comportamento, política e sociedade, a moda íntima veio acompanhando essas transformações. Peças estruturadas de modelagem e o excesso de peças que formavam a roupa íntima feminina foram desaparecendo, principalmente a partir da década de sessenta onde as mulheres lutaram por sua libertação e direitos. É um percurso longo que propiciou diversas mudanças de silhueta no corpo feminino que, na maioria das vezes era focado em repressão do corpo como sinal de boa conduta e sinônimo de repressão sexual. A lingerie foi papel principal para a construção desses corpos, reprimidos ou não.

A identidade feminina é permeada pela ideia de padronização, inclusive nos dias de hoje com modelos de corpos ditos perfeitos servindo como padrão de beleza. A contemporaneidade habita um paradoxo para a mulher: a imagem da mulher liberada pós década de 1960 *versus* o Modelo Feminino de Baudrillard (1976), de corpo para agradar o homem e como modelo coletivo e cultural de complacência.

#### Referências:

- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1976.  
BAUDRILLARD, J. **Após a orgia**. In: *Transparência do Mal: Ensaio sobre fenômenos externos*. São Paulo: Papyrus, 1990.  
BOUCHER, F. **História do vestuário no Ocidente**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.  
DEL PRIORE, M. **Histórias íntimas**. São Paulo: Planeta, 2014.  
ECO, U. **A história da beleza**. São Paulo: Record, 2004.  
FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. São Paulo: Graal, 1984.

GEERTZ, Clifford. **O senso comum como sistema cultural**. In: O Saber local, Novos estudos em antropologia interpretativa. Petrópolis, Vozes, 1997.

GELACIC, G. B. **Despindo corpos**: sexualidade, emoções e os novos significados do corpo feminino entre 1961 e 1985. In: Projeto História 45:373-383, 2012.

SCOTT, Lesley. **Lingerie**: da antiguidade à cultura pop. Barueri: Manole, 2013.

TOURAINÉ, A. **O mundo das mulheres**. Petrópolis: Vozes, 2007.

XIMENES, M. A. **Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX**. São Paulo: Estação das letras e Cores, 2011.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.